

Trilha arretada

O sacrificado roteiro percorrido pela família paraibana



CENA BRASILEIRA

Bicicleta-de-arara

Um casal e seis filhos pedalam 3.200 quilômetros da Paraíba ao Rio de Janeiro para tentar melhorar de vida

VALÉRIA PROPATO

A vida do trabalhador rural Cicero Ferreira Dias, 31 anos, sempre foi um acúmulo de sofrimento, miséria, poucos desejos e muitas frustrações. Começou a trabalhar aos oito anos, como boia-fria, e nunca conseguiu ganhar mais que um salário mínimo por mês. Nem por isso deixou de casar e propagar a espécie, cumprindo "os desígnios de Deus". Tem seis filhos, todos analfabetos como ele e até hoje sem certidão de nascimento. A família morava no município de Santa Rita, periferia de João Pessoa, em um cubículo de dois cômodos. Desempregado havia três anos e sobrevivendo com a ajuda de parentes, Cicero decidiu abandonar a Paraíba para nunca mais voltar. A história seria igual a de milhares de retirantes nordestinos não tivesse Cicero trocado o pau-de-arara por bicicletas. Na madrugada do

dia 5 de março deste ano, montou a mulher e os filhos em quatro Monarks velhas, colocou as rodas na estrada e rumou para o Rio de Janeiro. Foram exatos cinco meses e dois dias de aventura por 3.200 quilômetros.

Cicero acordou um dia com a idéia de deixar a Paraíba de bicicleta e planejou tudo em uma semana. "De ônibus custava um salário. De bicicleta poderia parar para fazer uns bicos", pensou. A mulher, Rosanele, 30 anos, achou bom. "Mais que Deus, ninguém. Vamos tentar. Quero é estar do seu lado", disse ela. Eles venderam por R\$ 200 o míngua do patrimônio: cama, estante, sofá, fogão e bujão de gás. Como só tinham duas bicicletas, ambas com 18 anos de

uso, compraram mais duas na feira por R\$ 50. Gastaram outros R\$ 110 em farinha, arroz, feijão, rapadura e iniciaram a viagem com R\$ 40 no bolso. A família deixou a Paraíba com apenas dois sacos de roupa, um pequeno hujão de gás e pedaços de lona. Cicero saiu na frente do grupo, carregando na garupa a filha Uênia, seis anos, e levando na costas uma bolsa com ferramentas para reparar as bicicletas. Rosanele trouxe o filho menor, Onildo, de um ano, numa cadeira amarrada na bicicleta. Francisco, 14 anos, o filho mais velho, transportou os irmãos Robinson, sete anos, e Rohenildo, três anos, um no colo do outro. Cleiton, oito anos, ganhou uma bicicleta só para ele. Estava contente. "Fissa é minha carreta. Isso é que é transporte", dizia.

A empolgação das crianças com a



"Quando eu ganhar meu dinheiro, coloco os dentes"

Francisco, 14 anos, que carregou dois irmãos

"Irresponsabilidade seria deixar algum morrer no meio do caminho"

Cicero, 31 anos, que carregou um filho

aventuras deram pouco. Tinha que pedalar o dia inteiro por trilhas sem fim, sob o sol. Passavam só para comer e dormir. "O pai liaha que vir sozinho. Esse Rio de Janeiro não vai chegar não?", chorava Cleiton. De tanto bater com os pés descascos nos ferros da bicicleta, Uênia e Robinson ganharam feridas que ainda não cicatrizaram. Quando atravessavam a Bahia, Francisco sofreu dores insuportáveis na náda direita e teve que ser levado para um posto médico em Santo Estêvão, depois de Feira de Santana. Seguindo por auto-estradas (BR-230, BR-236, BR-116), a família cortou a Paraíba, passou por uma ponte do Ceará, desceu Pernambuco, Bahia e Minas em direção ao Rio.

A primeira parada foi no sertão da Paraíba, em São Bento. Cicero passou quatro dias atrás de um "serviço de caminhoneiro". Mas foi a mulher quem acabou encontrando o que fazer. "Era um posto numa fábrica de rede por um salário e meio. Mas é eu ia fazer o quê?", observa Cicero. Depois de um mês de viagem, eles entraram no Ceará, sem dinheiro e sem os freios das bicicletas. "Achei que ia morrer no mundo", lembra Cicero. Ele arrastou as mangas e foi lavar carros. Trabalhava durante dez dias em Parnaíba, próximo à divisa com Pernambuco, e ganhava R\$ 60. Acabou arrastando um bico em Juazeiro, na divisa entre Pernambuco e Bahia. "Trabalhava 14 horas por dia e ia ganhar um salário. Fiquei uma semana e peguei a mala. Não

sou dono, mas acho que merecia ganhar mais. Me falaram que no Rio podia tirar R\$ 1 mil por mês."

Os corajosos ciclistas dormiam onde caíhava. Postos de gasolina, casas abandonadas, debaixo de ponte, na beira da estrada. A lona onde se deitavam também servia para proteger da chuva. Nem sempre um teto de tijolo significava segurança, como aconteceu no caminho para Feira de Santana, na Bahia. "Encontramos uma casa abandonada. De noite, ouvimos um bode harrando e um barulho de chocvalho. Vi uma alma penada. Rapaz, o negócio tava ficando feio. Voltamos para a estrada de madrugada", conta Cicero. A estrada também era perigosa. Em Pernambuco, num trecho sem acostamento, Cleiton e Rosanele levaram um baú tombado, tentando desviar de uma carreta. Durante dias enfrentaram quilômetros de estrada deserta, sem ter o que comer. "As crianças choravam. A gente parava debaixo de uma árvore, descascava e comia. Fazer o quê?", lembra Cicero. Só conseguiram chegar ao Rio graças à solidariedade



"Bicicleta, oxente, nunca mais. Voltar só de carro"

Cleiton, oito anos, que pedala sozinho

que encontraram na estrada. "Em Juazeirinho, passamos dois dias numa casa com sol e televisão. Quando tivemos que parar para cuidar do filho do Francisco, um menino de nome Inocência, um ano de casa, comida e arrecadou dinheiro na cidade", conta Cicero.

No Rio desde o dia 7 de agosto, a família contou com a ajuda de seus destinos solidários, como a professora Josilda Moura e o padre Max, um quem conseguiu um cômodo em Bangu, zona oeste da cidade. Eles também arrumaram para Cicero um emprego numa campanha política em que ganha R\$ 300 para colocar lixas na cidade. O filho mais velho, Francisco, também quer trabalhar. "Assim que ganhar um dinheiro vou colocar os quatro dentes da frente." Onildo, de um ano, pegou uma micose de cachorro nas costas. Rohenildo está com verme e Uênia se queixa de um pequeno carrinho no seio ainda em formação. Se foi uma irresponsabilidade colocar as crianças na estrada? Cicero não se arrepende. "Irresponsabilidade era deixar algum morrer no meio do caminho. Minha preocupação era que chegassem todos vivos. Tinha que me dar ao mundo para ver minhas nethoras." Mesmo sem condições, ele e a mulher nunca pensaram em evitar uma grande: "O filho é uma dádiva de Deus. Ele dá e ele tira", diz Rosanele. O casal não é religioso, não tem ideia do que seja o MST, não culpa ninguém por sua situação. "Se não tivesse fé em Deus, não tinha conseguido. Tenho esperança de que as coisas vão melhorar por aqui. Também sou filho de Deus", diz Cicero. Os filhos até que não saíram da terra. Mas já se foram: só voltam para a Paraíba de carro. "Bicicleta, oxente, nunca mais."

"Filho é uma dádiva de Deus. Ele dá, ele tira"

Rosanele, 30 anos, que transporta Onildo, de um ano

